

opusdei.org

A Páscoa, festa da libertação do pecado e da morte

Vigília Pascal na Noite Santa.
Homilia do Papa Bento XVI
Basílica de São Pedro Sábado
Santo 7 de Abril de 2007

07/07/2007

Queridos irmãos e irmãs!

Desde os tempos mais antigos a liturgia do dia de Páscoa começa com as palavras: *Resurrexi et adhuc tecum sum* — ressuscitei e estou sempre contigo; puseste sobre mim a tua

mão. A liturgia vê nisto a primeira palavra do Filho dirigida ao Pai depois da ressurreição, depois da volta da noite da morte ao mundo dos vivos. A mão do Pai sustentou-O também nesta noite, e assim Ele pode levantar-se, ressuscitar.

A palavra encontra-se no Salmo 138 e ali tem inicialmente um significado distinto. Este Salmo é um canto de admiração pela onipotência e onipresença de Deus, um canto de confiança naquele Deus que jamais nos deixa cair das suas mãos. E suas mãos são boas mãos. O orante imagina uma viagem através de todas as dimensões do universo — que lhe acontecerá? “Se subir aos céus, lá Vos encontro, se descer aos infernos, igualmente. Mesmo que me aposse das asas da aurora, e for morar nos confins do mar, mesmo aí, a Vossa mão me conduz, e a vossa direita me segura. Se eu disser: ‘ao menos as trevas me cobrirão...’, nem

sequer as trevas serão bastante escuras para Vós [...] tanto faz a luz como as trevas” (Sl 139[138], 8-12).

No dia de Páscoa a Igreja nos diz: Jesus Cristo cumpriu para nós esta viagem através das dimensões do universo. Na *Carta aos Efésios* lemos que Ele desceu nas regiões mais profundas da terra e que Aquele que desceu é o mesmo que também subiu acima de todos os céus para encher o universo (cf. 4, 9-10). Deste modo a visão do Salmo tornou-se realidade. Na escuridão impenetrável da morte Ele entrou como luz – a noite fez-se luminosa como o dia, e a trevas tornaram-se luz. Por isso a Igreja justamente pode considerar a palavra de agradecimento e de confiança como palavra do Ressuscitado dirigida ao Pai: “Sim, viajei até às extremas profundezas da terra, no abismo da morte e trouxe a luz; e agora ressuscitei e permaneço para sempre seguro pelas

tuas mãos”. Mas esta palavra do Ressuscitado ao Pai tornou-se também uma palavra que o Senhor dirige a nós: “Ressuscitei e estou contigo para sempre”, diz a cada um de nós. A minha mão te mantém. Onde quer que possas cair, cairás em minhas mãos. Estou presente até mesmo nas portas da morte. Onde ninguém já não pode acompanhar-te e onde nada podes levar, ali eu te espero e transformo para ti as trevas em luz.

Esta palavra do Salmo, lida como diálogo do Ressuscitado conosco, é ao mesmo tempo uma explicação do que acontece no Batismo. De fato, o Batismo é mais do que um lavar, ou uma purificação. É mais do que a inserção numa comunidade. É um novo nascimento. Um reinício da vida. A passagem da *Carta aos Romanos*, que acabamos de ouvir, diz com palavras misteriosas que no Batismo fomos ‘enxertados’ de forma

semelhante à morte de Cristo. No Batismo nos doamos a Cristo – Ele nos assume em si, para que depois não vivamos mais para nós mesmos, mas graças a Ele, com Ele e n'Ele; para que vivamos com Ele e, assim, para os outros. No Batismo abandonamos a nós mesmos, depomos a nossa vida em suas mãos, para poder dizer com S. Paulo: “Já não sou eu quem vivo, é Cristo que vive em mim”. Se nos doamos deste modo, aceitando uma espécie de morte do nosso eu, isto significa também que o confim entre morte e vida se torna permeável. Tanto nesta vida como depois da morte estamos com Cristo e, por isso, daquele momento em diante, a morte já não é um verdadeiro limite. Paulo diz-nos isso de forma clara na sua *Carta aos Filipenses*: “Para mim o viver é Cristo. Mas se permaneço nesta vida, ainda posso trazer fruto. Assim, vejo-me apertado entre estas duas coisas: ser libertado – ou seja, justificado – e

ser com Cristo, seria bem melhor; mas permanecer nesta vida é mais necessário para vós” (cf. 1, 21ss.). Tanto nesta vida como depois da morte ele está com Cristo – já não existe uma verdadeira diferença. Sim, é certo: “Estais à minha frente e atrás de mim, sobre mim repousa a Vossa mão”. Aos Romanos, Paulo escreveu: “Nenhum de nós vive para si mesmo, e nenhum de nós morre para si mesmo [...] Quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor” (*Rm* 14, 7ss.).

Queridos batizados, esta é a novidade do Batismo: nossa vida pertence a Cristo, não a nós mesmos. Mas precisamente por isso não estamos sós nem sequer na morte, mas estamos com Ele que vive sempre. No Batismo, junto com Cristo, já fizemos a viagem cósmica até às profundezas da morte. Acompanhados por Ele, aliás, acolhidos por Ele no seu amor, nos

libertamos do medo. Ele nos envolve e nos leva, onde quer que formos – Ele que é a própria Vida.

Voltemos à noite do Sábado Santo. No Credo professamos a respeito do caminho de Cristo: “Desceu à mansão dos mortos”. O que acontece então? Visto que não conhecemos o mundo da morte, podemos representar este processo de superação da morte somente com imagens que permanecem sempre pouco apropriadas. Porém, com toda a sua insuficiência, elas nos ajudam a entender algo do mistério. A liturgia aplica à descida de Jesus na noite da morte a palavra do Sl 24 [23]: “Levantai, ó pórticos, os vossos dintéis, levantai-vos, ó pórticos eternos!” A porta da morte está fechada, ninguém dali pode voltar para trás. Não existe uma chave para esta porta férrea. Cristo, porém, possui a chave. A sua Cruz abre de par em par as portas da morte, as

portas irrevogáveis. Elas agora já não são intransponíveis. A sua Cruz, a radicalidade do seu amor é a chave que abre esta porta. O amor d'Aquele que, sendo Deus, se fez homem para poder morrer – este amor tem a força para abrir esta porta. Este amor é mais forte que a morte. Os ícones pascais da Igreja oriental mostram como Cristo entra no mundo dos mortos. A sua veste é luz, porque Deus é luz. “A noite é clara como o dia, as trevas são como a luz” (cf. *Sl* 139 [138], 12). Jesus que entra no mundo dos mortos leva os estigmas: as suas feridas, os seus padecimentos tornaram-se poder, são amor que vence a morte. Ele encontra Adão e todos os homens que esperam na noite da morte. À sua vista parece até ouvir a oração de Jonas: “Clamei a vós do meio da morada dos mortos, e ouvistes a minha voz” (*Jn* 2, 3). O Filho de Deus na encarnação fez-se uma só coisa com o ser humano – com Adão. Mas só naquele momento,

em que cumpre o extremo ato de amor descendo na noite da morte, Ele cumpre o caminho da encarnação. Com a sua morte Ele leva Adão pela mão, leva todos os homens em expectativa para a luz.

Contudo, agora, pode-se perguntar: Mas o que significa esta imagem? Que novidade realmente aconteceu ali através de Cristo? Sendo a alma do homem por si própria imortal desde a criação, qual foi a novidade que Cristo trouxe? Sim, a alma é imortal, porque o homem de forma singular está na memória e no amor de Deus, mesmo depois da sua queda. Mas a sua força não basta para elevar-se até Deus. Não temos asas que poderiam levar-nos até aquela altura. Porém, nada pode contentar o homem eternamente, se não o estar com Deus. Uma eternidade sem esta união com Deus seria uma condenação. O homem não consegue chegar ao alto, mas

deseja-o: “Clamei a vós...” Só o Cristo ressuscitado pode elevar-nos até à união com Deus, onde nossas forças não podem chegar. Ele carrega realmente a ovelha perdida sobre os seus ombros e a leva para casa. Vivemos sustentados pelo seu Corpo, e em comunhão com o seu Corpo alcançamos o coração de Deus. E só assim a morte é vencida, somos livres e nossa vida é esperança.

Este é o júbilo da Vigília Pascal: nós somos livres. Mediante a ressurreição de Jesus o amor revelou-se mais forte do que a morte, mais forte do que o mal. O amor O fez descer e, ao mesmo tempo, é a força pela qual Ele se eleva. A força através da qual nos leva consigo. Unidos ao seu amor, levados sobre as asas do amor, como pessoas que amam descemos juntos com Ele nas trevas do mundo, sabendo que precisamente assim também nos elevamos com Ele. Rezemos,

portanto, nesta noite: Senhor, mostra hoje também que o amor é mais forte do que o ódio. Que é mais forte do que a morte. Desce também nas noites e na mansão dos mortos deste nosso tempo moderno e segura pela mão aqueles que esperam. Leva-os para a luz! Permanece também comigo nas minhas noites escuras e leva-me para fora! Ajuda-me, ajuda-nos a descer contigo na escuridão daqueles que estão à espera, que das profundezas gritam por ti! Ajuda-nos a levar-lhes a tua luz! Ajuda-nos a chegar ao “sim” do amor, que nos faz descer e por isso mesmo elevevamos juntos contigo! Amém.

pdf | Documento gerado automaticamente de <https://opusdei.org/pt-br/article/bento-xvi-sabado-aleluia-2007/> (03/04/2026)